

*TEORIA E PRÁTICA NUM DISCURSO DE RESISTÊNCIA

*Odilon Pinto de Mesquita Filho**

1 INTRODUÇÃO

O Governo Federal estabeleceu que, a partir de 2007, os professores da rede pública devem ter curso superior. Na Bahia, 40% dos professores da rede estadual não são graduados. (BAHIA, 1997, p. 71). Nas secretarias municipais essa percentagem é bem maior. Por isso, aos professores que atuam no Ensino Fundamental, de 1^a. à 4^a. séries, em redes municipais, foram oferecidos cursos especiais de graduação, através de convênios entre Prefeituras e a Universidade Estadual de Santa Cruz, sob a forma presencial de formação em serviço.

Para alguns professores, a obrigação de fazer o vestibular e o curso, sob pena de perderem seus empregos, pode ter parecido uma acusação de serem incompetentes. Como forma de resistência a tal suposta acusação, nas redações que fizeram para o vestibular, sobre a relação entre teoria e prática, eles estabeleceram uma supremacia da prática sobre a teoria. Tomando-se como base essas redações, perguntamos se é possível identificar nelas a presença de um discurso subjacente que resiste a essa acusação imaginária de incompetência?

Acredita-se que, por trás da exaltação da prática e da conseqüente menor valorização da teoria, esteja funcionando, subjacente, um discurso que responde a uma acusação implícita de incompetência, que a imposição do curso de graduação faria, imaginariamente, a uma parte desses professores. Nesse trabalho, objetiva-se detectar tal possível discurso de resistência a essa acusação imaginária, em parte dos professores. Também se objetiva levantar aspectos da visão que estes professores têm da relação entre teoria e prática em educação. Investigar essas questões tem uma importância imediata para os coordenadores e docentes do referido curso, podendo ser um elemento de orientação de sua prática pedagógica. E, de forma mais geral, pode trazer subsídios ao estudo das representações que certos grupos fazem da relação entre teoria e prática em educação.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Esse artigo baseia-se na Análise de Discurso, (daqui em diante AD), de linha francesa. Nessa perspectiva, o conceito de “formações imaginárias” será agenciado aqui, uma vez que, nesta teoria, o “que funciona numa sociedade, na perspectiva da linguagem, não é a coisa mas os efeitos imaginários que ela produz.” (ORLANDI, 1999, p. 96). Assim, não levamos em conta se, na realidade, a imposição do Governo do curso de graduação é, ou não, uma acusação de incompetência feita aos professores. O que vai funcionar, no discurso de parte dos professores, é o efeito imaginário dessa disposição. As formações

* Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus-Ba)

imaginárias são, portanto, a projeção das situações concretas na representação dessas situações, no interior do discurso. A AD não trabalha com as relações objetivas, tais como descritas pela sociologia ou antropologia, isto é, as relações em ausência dos agentes. A AD trabalha com as formações imaginárias, isto é, com os efeitos imaginários dessas relações, presentes, como efeitos de sentido, nos discursos, e marcados lingüisticamente nos textos. A análise sociológica ou etnográfica pode abster-se dos agentes concretos e analisar, em abstrato, o sistema ou a estrutura de relações sociais. Mas o discurso não pode ser apartado dos seus sentidos, e os sentidos não derivam diretamente das coisas concretas, das relações concretas; os sentidos derivam das imagens, de como elas aparecem para o sujeito. É a partir desse imaginário histórico-social que o sujeito produz efeitos de sentido em seus discursos. As formações imaginárias, portanto, não coincidem, - nem refletem diretamente -, “o mundo real dos homens”. (ALTHUSSER, 1985, p. 87). Mas, nem por isso, *imaginário*, quer dizer *irreal*, mas apenas aquilo que é “próprio de uma imagem”. (EAGLETON, 1997, p. 129).

Assim, no discurso de parte dos professores sobre a relação entre teoria e prática, contido nas redações que fizeram para o vestibular, pode existir uma representação do dispositivo do governo, isto é, uma formação imaginária dessa medida. Não é pelo fato de um professor ter lido o decreto de imposição do curso de graduação que ele vai sentir-se acusado de incompetência; é o modo como ele se relaciona com esse decreto, dentro de sua história de vida, que vai determinar se ele o considera, o imagina, uma acusação de incompetência, ou não.

Também é preciso levar em conta que “professor” é um lugar social. Mas, no discurso, não funciona esse lugar, tal como pode ser descrito pela sociologia e antropologia. O que funciona é a imagem que o sujeito tem desse lugar. É esse lugar imaginário que fornece a posição do sujeito e que corresponde ao lugar de professor, na formação social. “Os protagonistas do discurso (interlocutores) não devem ser considerados apenas como seres empíricos, mas também como representação de lugares determinados na estrutura social: o lugar de professor, de aluno, de político, de pai, de sacerdote, etc.” (CARDOSO, 1999, p. 39). Assim, nas redações a serem analisadas, deverá ser vista essa imagem do lugar de professor, que vai determinar a posição do sujeito.

As formações imaginárias se manifestam em formações discursivas, que “determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição em uma conjuntura dadas.” (ORLANDI, 1999, p. 18). Assim, podemos dizer que, na conjuntura de ter de fazer o vestibular para manter-se trabalhando na rede pública, os discursos dos professores se dividem em duas formações discursivas: a primeira considera a exigência do vestibular desvinculada de qualquer acusação de incompetência aos professores; a segunda, considera tal exigência um questionamento explícito à competência dos docentes sem graduação. A primeira formação discursiva vai determinar que deve ser afirmada a importância igual da teoria e da prática e sua articulação. A segunda formação discursiva vai determinar que deve ser dita a superioridade da “prática” sobre a “teoria”, diretamente vinculada à afirmação da competência do professor não graduado.

No vestibular para seleção dos professores para o curso universitário, um dos dois temas de redação propostos foi:

“Sabemos que a Metodologia de Ensino de qualquer disciplina pressupõe a existência da *teoria* e da *prática*. Elabore uma redação expondo, na sua opinião, qual ou quais desses aspectos teriam maior

importância para o professor, como subsídio para sua prática docente.”

As redações sobre esse tema se dividiram em dois grupos:

- a) as que consideram teoria e prática igualmente importantes e articuladas, na prática docente;
- b) as que consideram a prática como mais importante que a teoria;

Consideramos que esses dois grupos de redações estão filiadas a duas formações discursivas distintas. Não serão aqui analisadas as redações do primeiro grupo. As do segundo grupo serão analisadas quanto aos seguintes aspectos:

- a) conceito de teoria e de prática;
- b) relação entre teoria e prática;
- c) o lugar de professor;
- d) o processo ensino-aprendizagem;
- e) o discurso subjacente de afirmação da competência do professor sem nível universitário.

Em AD, a metodologia é qualitativa, isto é, a análise de um discurso não exige um número exaustivo de sua ocorrência em textos ou, sequer, uma amostragem representativa. Assim, neste trabalho, levaremos em conta as seguintes redações dos professores:

1. O conhecimento já trazido pelo professor faz com que a sua prática seja a grande arma para passar o conhecimento ao educando.

Buscando novos conhecimentos a prática do professor está sempre em primeiro lugar. Pois os alunos conseguem aprender com aquele mestre, que procura trazer sempre novos conhecimentos para melhor beneficiar o ensino-aprendizagem dos seus alunos com objetivos satisfatórios dentro de sua prática.

2. Sabemos que para qualquer disciplina é preciso que trabalhamos com a prática, porque é através da mesma que o trabalho será desenvolvido.

Muitas vezes o professor e o próprio aluno não tem um bom rendimento no aprendizado devido a sua maneira de agir que não está sendo praticada de acordo os seus conteúdos e o saber de como pode ser trabalhado.

Portanto para você fazer um bom trabalho é preciso que não deixando só na teoria mas que, possamos levar em prática tudo aquilo que queiramos ter um bom êxito.

3. O profissional trabalhar com a teoria, ela como base traz alguns problemas como falta de atenção de interesse e outros. Em algumas matérias faz-se necessário o emprego da mesma, observando-se na aula expositiva adquire-se mais a atenção do educando, não que isso venha a afirmar que o docente tenha sucesso na sua aula.

Para que o aluno tenha maior desempenho no que lhe foi proposto, faz-se necessário que entre a prática, é através da mesma que o indivíduo vá concretizar todo ou parte do que foi apresentado na sala de aula.

4. *A prática tem maior importância para a realização de uma boa prática docente. A teoria também é importante, porém, ela sozinha, não adianta, porque se a teoria está escrita e ninguém a coloca em prática a educação não muda, e se mudar é pra pior.*

Para mudar essa educação para melhor, é necessário que haja uma junção da teoria com a prática, dando mais ênfase à prática pois é a prática que vai nos dar subsídio para um bom resultado.

5. *Pessoalmente tenho a visão de que a prática tenha uma maior importância do que a teoria, isso porque o que se percebe muitas vezes é que o profissional da educação tem um conhecimento teórico excelente, quando ele parte para uma sala de aula ele começa a sentir dificuldade e tudo fica diferente do que se imaginava, a partir da sua teoria passara a não significar muito para o mesmo.*

Geralmente o que acaba dando certo é elaborar metodologias de ensino, praticando-as com os educandos, com o tempo você vai percebendo quais as metodologias corretas para o ensino de cada disciplina e também de cada tipo de aluno.

Não estou afirmando com um ponto de vista que a teoria não tenha a sua importância, longe disso, o que quero deixar claro é que de nada iria valer ter conhecimento e não poder pôr esses conhecimentos em prática. Com a prática é que se vai percebendo que educar é uma tarefa um tanto quanto complicada.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Em (1)

O conhecimento já trazido pelo professor faz com que a sua prática seja a grande arma para passar o conhecimento ao educando.

a prática, por si só, gera conhecimento pedagógico, isto é, conhecimento “para passar o conhecimento ao educando”. E é a prática do professor que “está sempre em primeiro lugar”, “buscando novos conhecimentos”. Além disso, os “objetivos satisfatórios” estão “dentro da sua prática”. Em resumo, a prática é o que gera, por si só, os conhecimentos e os objetivos pedagógicos.

O lugar de professor é o de “passar o conhecimento ao educando”, numa concepção de que o processo de ensino-aprendizagem é o da transmissão de conteúdos: “para passar o conhecimento ao educando”, uma vez que “os alunos conseguem aprender com aquele mestre, que procura trazer sempre novos conhecimentos”. Nesse discurso, o lugar de professor é definido como o lugar daquele que transmite conteúdos.

Finalmente, a exaltação da prática sobre a teoria, pode ser interpretada como uma afirmação da competência do professor sem graduação:

“O conhecimento já trazido pelo professor faz com que a sua prática seja a grande arma para passar o conhecimento ao educando.”

A prática é colocada como “a grande arma para passar o conhecimento”. Observa-se que o uso do artigo definido “a” estabelece a idéia de única, verdadeira, a arma por

excelência. O texto parece estar respondendo a alguém que supostamente teria dito ser a teoria mais importante que a prática. Propõe-se, nesta análise, que a teoria está associada ao curso universitário. Exaltando a prática como “a grande arma”, nega-se importância a esse curso e afirma-se a competência do professor que não tem teoria, isto é, sem curso superior.

No outro enunciado:

“...a prática do professor está sempre em primeiro lugar.”

a prática, aqui proposta como associada ao professor sem graduação, está colocada “em primeiro lugar”, o que significa que a teoria, isto é, o professor com curso superior, está em segundo lugar.

Propõe-se, portanto, que a noção de teoria está associada ao curso universitário, enquanto a prática está associada à ausência desse curso. A exaltação da prática, como “a grande arma” e como “em primeiro lugar”, coloca assim o professor, sem curso universitário, como mais competente que o professor com formação universitária.

Em resumo, a redação (1) estabelece que a prática, por si só, gera a teoria (“conhecimento”), e é “a grande arma”, que “vem em primeiro lugar”, o que significa que o professor sem graduação, mas com prática, é mais competente que o professor graduado, que só tem teoria.

Nesse discurso, o processo ensino-aprendizagem ocorre por meio da transmissão de conteúdos, sendo o professor um transmissor de conhecimentos.

A redação (2) apresenta uma distinção radical entre prática e teoria: prática é tudo o que o professor faz na sala de aula:

*“...é através da mesma [prática] que o trabalho será desenvolvido.
(...) sua maneira de agir”*

enquanto subentende teoria como algo que o professor faz fora da sala de aula. Por isso que

“...para fazer um bom trabalho é preciso que não deixando só na teoria mas que, possamos levar em prática tudo aquilo que queiramos ter um bom êxito”

Além disso, a teoria está associada aos “conteúdos” de uma área específica do conhecimento, enquanto a prática está associada a “o saber de como pode ser trabalhado” esse conteúdo.

“Muitas vezes o professor e o próprio aluno não tem um bom rendimento no aprendizado devido a sua maneira de agir que não está sendo praticada de acordo os seus conteúdos e o saber de como pode ser trabalhado.”

O processo ensino-aprendizagem é visto, mais uma vez, como transmissão de “conteúdos” uma vez que aluno e professor não têm “um bom rendimento” quando sua prática não está “de acordo com os seus conteúdos”.

A redação (3) identifica “teoria” com “aula expositiva”, que “traz alguns problemas como falta de atenção de interesse e outros”,. Esta, apesar de conseguir “mais atenção do educando”, não garante que “o docente tenha sucesso na sua aula”. Por isso, “para que o aluno tenha maior desempenho no que lhe foi proposto, faz-se necessário que entre a prática”, subentendida aqui como atividades e exercícios. Apenas a “teoria”, isto é, “a aula expositiva” não é suficiente. É “através da mesma [prática] que o indivíduo vá concretizar todo ou parte do que foi apresentado [exposto] na sala de aula”.

Se forem feitas as correspondências:

teoria - aula expositiva - professor graduado;
prática – atividades e exercícios – professor sem graduação,

observa-se que “O profissional [professor graduado] trabalhar com a teoria [aula expositiva], ela [a teoria], como base, traz alguns problemas, como falta de atenção, de interesse e outros”. Por isso “faz-se necessário que entre a prática [atividades e exercícios e professor sem graduação]”, que vai garantir “que o aluno tenha maior desempenho”. Fica estabelecida, dessa forma, a superioridade da prática [atividades e exercícios] e do professor sem graduação sobre a teoria [aula expositiva] e sobre o professor graduado.

Em (4), a noção de teoria está associada à escrita:

“...se a teoria está escrita e ninguém a coloca em prática a educação não muda, e se mudar é pra pior.”

A noção de prática, por sua vez, caracteriza-se por não estar escrita e divide-se em prática anterior e prática atual:

“A prática tem maior importância para a realização de uma boa prática docente.”

A relação entre teoria e prática, é apresentada como sendo a teoria secundária em relação à prática, uma vez que a prática “tem maior importância”. Ainda que a teoria seja também “importante”, “ela sozinha, não adianta, porque se a teoria está escrita e ninguém a coloca em prática a educação não muda, e se mudar é pra pior.” Embora defenda “uma junção da teoria com a prática”, é preciso dar “mais ênfase à prática pois é a prática que vai nos dar subsídio para um bom resultado.”

Podemos observar em (4) mais um indício de que há um discurso de afirmação da competência do professor sem graduação, subjacente ao discurso de primazia da prática sobre a teoria:

“A prática tem maior importância para a realização de uma boa prática docente”

Ou seja, para se alcançar “uma boa prática docente”, o fator que “tem maior importância” é a prática anterior desse professor. Se considerarmos que todo enunciado é uma resposta dialógica a outro enunciado, podemos indagar: a que enunciado tal afirmação responde? Observando a situação em que é produzida tal informação, ou seja, a de um professor sem graduação que se vê obrigado a cursar o terceiro grau, sob pena de perder o

emprego público, podemos postular que ela responde ao enunciado imaginário do Governo de que o fator que “tem maior importância para a realização de uma boa prática docente” é um curso de graduação. Nesse caso teríamos,

Enunciado imaginário do Governo: o fator que tem maior importância para a realização de uma boa prática docente é um curso de graduação.

Enunciado-resposta do professor: o fator que tem maior importância para a realização de uma boa prática docente é a prática [anterior].

Em (5) , a noção de prática está associada estritamente à prática em sala de aula:

“Com a prática é que se vai percebendo que educar é uma tarefa um tanto quanto complicada.”

E a noção de teoria está relacionada a algo que o professor faz fora da sala de aula:

“o profissional da educação tem um conhecimento teórico excelente, quando ele parte para uma sala de aula ele começa a sentir dificuldade e tudo fica diferente do que se imaginava, a partir da sua teoria passara a não significar muito para o mesmo.”

A prática tem uma importância muito maior que a teoria:

“Pessoalmente tenho a visão de que a prática tenha uma maior importância do que a teoria”

Isso porque:

“o que se percebe muitas vezes é que o profissional da educação tem um conhecimento teórico excelente, quando ele parte para uma sala de aula ele começa a sentir dificuldade e tudo fica diferente do que se imaginava, a partir da sua teoria passara a não significar muito para o mesmo.”

Se identificamos teoria com curso de graduação, vemos que em (5) ambos são completamente desqualificados. O que funciona mesmo é a prática, associada ao professor sem graduação:

“Geralmente o que acaba dando certo é elaborar metodologias de ensino, praticando-as com os educandos, com o tempo você vai percebendo quais as metodologias corretas para o ensino de cada disciplina e também de cada tipo de aluno.”

Portanto, não é o curso universitário que vai dar certo para o professor. O que vai dar certo é sua própria prática que, por si mesma, isto é, “com o tempo”, o leva a perceber “quais as metodologias corretas para o ensino de cada disciplina e também de cada tipo de aluno”.

Apesar de uma concessão feita à teoria,

“Não estou afirmando com um ponto de vista que a teoria não tenha a sua importância, longe disso...”

a prática é que leva a se perceber “que educar é uma tarefa um tanto quanto complicada.” Portanto, a formação do professor, só dá certo, principalmente, via sua prática que, por si mesma, isto é, “com o tempo”, o leva a perceber “as metodologias corretas”. Ou seja, o curso de graduação tem “a sua importância”, mas não é fundamental.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No discurso de parte dos professores, a prática é caracterizada como produtora exclusiva, por si só, de conhecimento pedagógico. A teoria, por oposição, é secundária no trabalho docente. A prática, em (2), está associada a tudo o que o professor faz na sala de aula, o que, implicitamente, afirma que a teoria é algo que o professor desenvolve fora da sala de aula. Além disso, a teoria está associada aos “conteúdos” de uma área específica do conhecimento e a “o saber de como pode ser trabalhado” esse conteúdo. Em (3) a teoria é identificada com aula expositiva, enquanto a prática está associada a atividades e exercícios organizados pelo professor. Em (4), a teoria está associada ao que está escrito, principalmente em livros, enquanto a prática corresponde às atividades, não escritas em nenhum livro, desenvolvidas pelo professor em sala de aula. Essa prática se divide em dois tipos: anterior e atual. A prática anterior, por si só, fornece o conhecimento para a prática atual. Nesse circuito fechado, em que a prática anterior determina a prática atual, não há lugar para o curso de graduação, isto é, para a teoria “escrita”. Assim, o professor sem graduação é necessário e suficiente, uma vez que sua prática anterior lhe dá, por si só, todo o embasamento para sua prática atual, enquanto o curso de graduação é desnecessário e insuficiente. Em (5), a noção de prática está associada estritamente à prática em sala de aula, enquanto a noção de teoria está relacionada a algo que o professor faz fora da sala de aula. O conhecimento teórico, mesmo quando “excelente” é ineficaz, porque adquirido fora da sala de aula. Ou seja, a teoria, adquirida na universidade, num curso de graduação, é insuficiente para enfrentar as dificuldades em sala de aula. Por isso a prática, adquirida dentro da sala de aula, e não a teoria, adquirida num curso de graduação universitária, e identificada com “aula expositiva”, tem uma importância muito maior.

Em resumo, a noção de teoria está associada a:

algo que o professor faz fora da sala de aula;

- a) os conteúdos de uma área específica de conhecimento;
- b) aula expositiva;
- c) ao que está escrito;
- d) a algo ineficaz porque adquirida fora da sala de aula;

A noção de prática, por sua vez, está associada a:

- a) produtora exclusiva, e por si só, de conhecimento pedagógico;
- b) o modo como trabalhar os conteúdos;
- c) atividades e exercícios organizados pelo professor em sala de aula;
- d) atividades do professor que não implicam leitura de material escrito;
- e) algo eficaz porque adquirido dentro da sala de aula;

QUADRO 1: Aspectos associados à noção de teoria e prática

TEORIA	PRÁTICA
Algo que o professor faz fora da sala de aula	Algo que o professor faz em sala de aula
Conteúdos de área	Modo como trabalhar os conteúdos em sala de aula;
Aula expositiva	atividades e exercícios organizados pelo professor em sala de aula
Algo que já está escrito	Algo não escrito
Algo ineficaz porque adquirido fora da sala de aula;	Algo eficaz porque adquirido dentro da sala de aula;

O processo ensino-aprendizagem é visto como transmissão de conteúdos e o papel do professor é o de transmissor de conhecimentos.

Postula-se nesse trabalho que o discurso de exaltação da prática traz, como discurso subjacente, a afirmação da competência do professor, sem curso de graduação, e a desqualificação da teoria, associada ao curso universitário. Em (3), a teoria está associada a aula expositiva e esta a um mau desempenho do professor. Assim, a teoria, ou seja, o curso de graduação, é responsável por aulas expositivas e, conseqüentemente, pelo mau desempenho do professor. Por sua vez, a prática, isto é, o professor sem graduação, é responsável por atividades e exercícios que levam ao bom desempenho do professor.

Consideramos, portanto, que o discurso de exaltação da prática, em detrimento da teoria, é também um discurso de exaltação do professor sem graduação, em detrimento do curso universitário. Esse segundo discurso aparece de forma “subjacente” porque não é inteiramente explicitado. Sua não explicitação decorre, primeiro, do próprio tema da redação, sobre a importância da teoria e da prática para o professor. Nessa circunstância, referir-se diretamente ao professor sem graduação e ao curso superior, poderia acarretar a anulação do texto, por fuga ao tema. Em segundo lugar, esse discurso subjacente de afirmação do professor sem graduação, em relação ao curso universitário, responde a uma acusação imaginária, também não explícita, feita pela imposição oficial do curso superior, de que o professor sem graduação seria incompetente. A uma acusação implícita, dá-se uma resposta também implícita.

Nessa perspectiva, podemos fazer a associação da prática com o professor sem graduação, e fazer a associação da teoria com o professor com curso universitário:

QUADRO II: Aspectos associados à noção de teoria e prática, transpostos para professor sem graduação e com curso superior.

TEORIA	PRÁTICA	PROFESSOR SEM GRADUAÇÃO	PROFESSOR GRADUADO
Algo que o professor faz fora da sala de aula			Aquele que estuda teoria fora da sala de aula
	Algo que o professor faz em sala de aula	Aquele que aprende com a prática em sala de aula	
Conteúdos de área			Aquele que estuda os conteúdos de área, de forma abstrata, fora da realidade escolar
	Modo como trabalhar os conteúdos em sala de aula	Aquele que domina os conteúdos, a partir do seu ensino em sala de aula.	
Aula expositiva			Aquele que só sabe dar aulas expositivas sobre conteúdos abstratos
	Atividades e exercícios organizados pelo professor em sala de aula	Aquele que sabe ensinar seus conteúdos, por meio de atividades e exercícios.	
Algo que já está escrito			Aquele que só conhece os conteúdos por meio da leitura de livros teóricos
	Algo não escrito	Aquele que conhece os conteúdos por meio do ensino, do contato direto com os alunos	
Algo ineficaz porque adquirido fora da sala de aula			Aquele que é incompetente porque sua aprendizagem foi fora da sala de aula
	Algo eficaz porque adquirido dentro da sala de aula;	Aquele que é competente porque sua aprendizagem foi feita dentro da sala de aula;	

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- BAHIA, Secretaria de Educação, Sistema de Avaliação do Desempenho Escolar da Rede Pública Estadual na Bahia. **Relatório conclusivo**. Salvador(Ba): 1997.
- CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. **Discurso e ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- EAGLETON, Terry. **Ideologia**. Trad. Luís Carlos Borges e Silvana Vieira. São Paulo: UNESP, 1997.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

